

A Vez de Norbert Elias

Paulo Ghiraldelli Jr.

Primeiro foi Foucault. Agora é Elias? Sim, Foucault foi triturado pela máquina compressora da leitura mal feita – centralizada na esquerda (marxista) americana e em nichos pouco cultos da academia brasileira. Como foi isto? E o que tem a ver isso com Elias?

Mesmo Foucault tendo sido um radical opositor da “tese repressora”, de cunho marxista-freudiano, uma parte da esquerda o subsumiu no interior de certo tipo de marxismo, e inverteu o sentido de seus escritos descaradamente. Não sei como, mas não foram poucos os que acharam que sua descrição da “anátomo política do corpo” poderia ser vista como uma forma de repressão ao corpo, que caracterizaria a modernidade. Nada mais falso. Nada mais tolo. A “anátomo política do corpo” e a “biopolítica da população” eram formas de mostrar que o trabalho sobre o corpo, desenvolvido caracteristicamente pela modernidade, se deu no sentido de ampliar e potencializar as forças corporais, biológicas, e não veio para conter essas forças – redirecionamento, mesmo quando controlador, não quer dizer repressão *tout court*. Caso elas tivessem sido contidas, a modernidade teria sido uma época de estagnação. E não foi. Nunca andamos tão rápido em tudo que fizemos senão após o século XVIII. Nunca as habilidades corporais se fizeram tão plásticas e jamais foram tão reconstruídas sucessivamente em outra época como foram em nossa época. Em uma leitura foucaultiana não devemos associar o filme em que Chaplin aparece nas engrenagens – Tempos Modernos – como uma denúncia da repressão, e sim como um retrato da reconstrução política do corpo do homem: “anátomo política do corpo”.

A idéia de agarrar a expressão “capitalismo” e associá-la a uma moral interpretada como repressora (Marx+Weber+Freud = dominação), que deveria desviar o homem do prazer, para jogá-lo quieto na fábrica, na empresa ou na burocracia estatal, estava tão arraigada em certo tipo de esquerda que, uma vez lendo Foucault, esse grupo não conseguiu não tratá-lo apenas como alguém que estaria falando o que todo mundo *deve* falar (segundo esse grupo) – o que Marx e Freud, segunda tal tese, falaram: o mundo oprime, pois todos estamos sob o jugo de um “modo de produção” maligno.

Eu imaginava que tal erro, uma vez tendo acontecido com Foucault, e tendo sido veementemente apontado (não só eu aponte), não iria se repetir. Mas vejo que está na praça novamente. E agora, para além de Foucault, pegou outra vítima; escolheu Norbert Elias para tal serviço.

Essa leitura feita pelo sovaco começa a associar Norbert Elias a um pensador que descreve mecanismos de controle social, coletivo e individual, que estariam próximos ao que Marx (e Freud) teria descrito em algumas de suas passagens mais históricas. Ou seja, Elias estaria dizendo que o “processo civilizador” (alguns preferem “civilizatório”) ocorre de modo a tornar o homem mais dócil, mas sujeito a ser obediente de um modo que cabe dizer que ele é “reprimido”. O erro se repete. E novamente eu tento alertar os que teimam em “ler” sem abrir o livro, ver sem enxergar. O resultado do “processo civilizador”, como Elias o descreve, não é a sociedade reprimida de Reich, o homem que misturou Freud e Marx antes mesmo de Marcuse – e de uma forma mais popular, digamos. O resultado do “processo civilizador”, para Elias, é o de *libertação*. Sim, Elias entende que quanto mais avançada uma sociedade está

no campo dos desdobramentos de costumes civilizados, menos “reprimida” é tal sociedade.

Elias não se cansa de mostrar que em sociedades altamente desenvolvidas materialmente, e com o que chamamos de civilização envolvida em grande complexidade, ocorre um natural “relaxamento” da conduta (relaxação, diriam alguns). Nessas sociedades as pessoas podem ir quase nuas em vários lugares (e lugares que nem sempre são praias) e nada de anormal ocorre; os desejos sexuais não se exacerbam por isso. E isso se repete para uma série de outros elementos e quesitos do comportamento corporal urbano. Sociedades altamente civilizadas se dão ao luxo de relaxarem suas exigências de cuidados corporais e atenções que outras sociedades, ainda em “transição”, não poderiam fazer. Pois, nessas sociedades modernas mais avançadas, o padrão de conduta chamado civilizado já foi absorvido de tal modo que não está mais em questão sustentá-lo ou não, ensiná-lo ou não. Não há mais nem mesmo o escândalo dos olhos ou a dissintonia entre os indivíduos que adotam padrões de conduta relaxados e os que ainda não fizeram tal coisa.

Elias não é um teórico do controle social de um modo tão direto como outros pensadores sociais, em especial os do século XIX. Ele não é um Durkheim ou um Marx. Elias é um leitor de Freud, mas não é um Freud grosseiro ou um “Marcuse popular”. Elias é aquele que, com instrumentos de uma sociologia culturalista, conta para todos que a nossa sociedade ocidental moderna tem um modo especial de dizer que ela é civilizada. Como? Simples, basta ela deixar de lado uma série de preceitos e regras que até bem pouco tempo eram a característica básica para tal sociedade se imaginar civilizada. Elias está atento para uma idéia que, no meu jargão, está mais próxima do que Horkheimer utilizou: a noção de *sublimação* é que indica o padrão civilizado, não a de *repressão*, ao menos no ponto final do processo.¹

Outro detalhe sobre Elias que tenho notado em alguns comentadores de seus textos no Brasil, em especial mais recentemente, é o de sua postura como alguém que mantém – para desgosto do comentador – o “processo civilizador” segundo uma direção histórica. Não vejo qual a razão de se criticar Elias por isso. Aqui, ele apenas segue a tradição da sociologia. As sociologias de Durkheim e de Marx são claramente históricas e teleológicas. Elas acreditam que os grupos apontam suas condutas para destinos. Ainda que Weber diminua o tom de seu discurso quanto a isso, ele também entende como tal o caminho da civilização. Elias, neste aspecto particular, segue a doutrina da sua disciplina, a sociologia.

Qual a razão de Elias manter uma teleologia implícita na sua descrição de grupos? Simples, tanto quanto Marx e outros do século XIX, Elias, mesmo no século XX, tem por definição que a história é progresso; isto é, a história, por definição, implica em ser apreendida por narrativas – a historiografia – que se fazem por etapas e épocas, e uma etapa sucede a anterior, é claro. Para pessoas como Elias, isso é a própria definição de “processo civilizador”. Pois Elias não vê o caminho civilizador sem o *olhar da filosofia*, e então ele avalia esse caminho em ganhos e perdas, ele o observa a partir de um crivo de melhoria ou não da vida moral. Durkheim, Marx, Weber e tantos outros fizeram

¹ Defendi essa idéia em *O corpo de Ulisses* (São Paulo: Escuta, 1995), e retornei a ela, de um modo um pouco diferente, no livro *Corpo – filosofia e educação* (São Paulo: Ática, 2008), resultado de meu pós-doutorado em medicina social na UERJ, com o grupo PEPAS, dirigido por Jurandir Freire Costa.

sociologia assim, isto é, uma sociologia crivada por avaliações filosóficas (mesmo Durkheim, sim!).

Marx seguiu Hegel nisso, colocando a história sob progresso dialético segundo um *telos*: a revolução e a vida comunista (que ele nunca disse o que seria). Como Marx abandonaria a filosofia e a teleologia implicada na filosofia (na tradição hegeliana)? Impossível e desnecessário. *Telos* na história não significa férreo determinismo (em grego, *telos* é praxis, e escopo, também de origem grega, é o que é visado, é o resultado, e pode ser determinado). E penso que Marx acreditava (talvez ingenuamente) que seus leitores não iriam cometer o erro de ver tais textos como messiânicos e deterministas. Elias segue nesta trilha, ainda que prefira a evolução da noção de repressão para a noção de sublimação, como em Freud e nos frankfurtianos, e não na noção de dialética-para-a-liberdade.² Todavia, como em Marx e Hegel, Elias vê o processo civilizador culminando para situações de maior liberdade. É claro que isso não é visto por ele a partir dos primórdios da vida humana até hoje. Ele faz sociologia empírica, e está analisando a transformação do mundo feudal tardio para o mundo moderno e, às vezes, contemporâneo. Nessa etapa, sabemos, povos mais sublimados (Horkheimer) se tornaram mais folgados quanto a preceitos a respeito de disciplina corporal. Folgados, aqui, no sentido de permitirem ter o corpo menos sujeito a *formatos* disciplinares que deveriam ser assimilados, e que realmente foram.

Eis um exemplo claro do que Elias quis dizer. Não soltamos gases em qualquer lugar, como muitos medievais faziam, e não precisamos de manuais de boas maneiras – tão comuns no Renascimento e mesmo no século XIX – para nos dizer isso. Todavia, podemos nos dar ao luxo de mostrar em filmes tal ato, como comédia, ou nós mesmos voltarmos a fazer isso, entre amigos, como gozação. Mas nós não precisamos ser avisados para não fazer isso em qualquer lugar. Os povos que vieram para a vida urbana tiveram de ser avisados. E o foram, por padres, juristas, literatos, filósofos e pedagogos – os homens que vivem querendo mudar comportamento alheio. Por isso, para nós, manuais pedagógicos do passado são engraçados, pois eles dizem claramente, para o adulto: “você não deve soltar gases em tais e tais lugares”. Achamos engraçado isso porque para nós, os civilizados de Elias, não tem cabimento tal aviso, quem pensaria em fazer tal coisa? E isso é um processo contínuo. Não aconteceu o mesmo, nos últimos dez anos no Brasil, com o uso do cigarro?

Isso, para Elias, caminha para um sentido de melhoria, sim, e neste aspecto ele não está indo contra Marx, mas a favor. Há melhoria moral na história, para ambos. Há sentido na história para ambos, e tal sentido é visto como algo que é avaliado, sob vários aspectos, como o que é o melhor para nós todos. Talvez para toda sociologia que não quer se livrar da filosofia esse tipo de avaliação seja algo do qual não há necessidade de querer se livrar. Aliás, esse tipo de sociologia alemã nunca irá deixar de ser filosofia social, mesmo que se torne mais e mais empírica e qualitativa.

Espero que depois desse meu texto os mais jovens não voltem a tratar Elias como tenho visto por aí, principalmente em tempos recentes. Ele foi um dos melhores de sua escola, não merece isso. Como Foucault não merecia. Bons intelectuais merecem bons leitores.

© PGJr. São Paulo, outubro de 2007.

² Ver a nota 1.

